

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

DIRECTOR, JOÃO MARQUES SOARES DE AZEVEDO

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$890—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Annuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento

BRAGA—26 DE SETEMBRO

Dom Miguel e a sua realza

XVIII

Não foi, como fizemos ver no artigo antecedente, muito feliz o sr. Thomaz Ribeiro nas suas digressões pela Europa, á procura de auctoridades contra a legitimidade do Senhor Dom Miguel; mas porque promettemos aceitar o desafio em todo o campo, onde nos fosse offerecido pelo illustre estadista, tambem iremos bater ás portas de alguns estrangeiros para lhes perguntar a quem pertencia a corôa de Portugal, depois do dia 10 de março de 1826.

Não ignora de certo o sr. Thomaz Ribeiro o modo como o conde Alberdeen encarava a questão portugueza, nem onde elle cria estar a legitimidade como não ignora de certo que elle punha o reconhecimento do Senhor Dom Miguel pela Inglaterra, unicamente dependente da amnistia. E que a opinião do conde Alberdeen não valia menos que qualquer das que cita o sr. Thomaz Ribeiro é inquestionavel.

Da França, e na epocha a que se refere o sr. Thomaz Ribeiro, falla-nos Nono Barbosa de Figueiredo, auctoridade que s. exc.^a não pôde regeitar, por ser aquelle cavalheiro o agente diplomatico do partido constitucional.

Em 31 de julho de 1828, escrevia elle de Paris ao então marquez de Palmella:

«Já em consequência da recommendação do sr. visconde de Itabayana, eu tinha conferenciado com o sr. de Ferronays, ácerca das fies tropas portuguezas, que depois da catastrophe do Porto, poderam abrir-se caminho até Hespanha.

Sinto dizer a v. exc.^a que encontro este ministro muito menos disposto do que eu esperava, a chamar a attenção do seu governo sobre a infeliz posição das sobreditas tropas, illudindo quanto poude a minha proposta, de se procurar decidir a côrte de Madrid, a deixar embarcar aquelles leaes portuguezes para qualquer ponto fóra do territorio hespanol.

E em uma outra correspondencia em que o mesmo diplomatico dá parte dos esforços que fez em vão, para que o governo francez declarasse que não reconhecia o bloqueio dos Açores, diz:

«A vista d'isto não nos pôde restar a menor duvida de que esta côrte se acha de mãos dadas com a Inglaterra ácerca dos negocios de Portugal».

E a côrte de França, menos exigente que a da Inglaterra, teria reconhecido o Senhor Dom Miguel até sem a clausula da amnistia, se Hyde de Neuville, por motivos particulares, se não tivesse de amigo convertido em inimigo d'aquelle Senhor, fazendo-lhe no parlamento crua guerra, que, se não levou Carlos X a reconhecer o sr. D. Pedro, teve pelo menos a força de he paralyzar a acção.

O reconhecimento das nações pôde valer de muito para a questão de facto, para a questão de direito nada vale, como prova o reconhecimento de Luiz Filipe, o prova o reconhecimento de Victor de Napoleão, o reconhecimento de Victor Manoel e de Humberto, o reconhecimento de Sr.^a D. Isabel e de seu filho, o reconhecimento de Amadeu, e não sabemos quantos mais.

Todavia, sempre notaremos que a queda

de Carlos X e a morte de Fernando VII, foram as causas verdadeiras que determinaram o triste fim que teve a nossa guerra civil. Ora, se a illegitimidade do Senhor Dom Miguel estivesse tão provada, como o sr. Thomaz Ribeiro pretende fazer acreditar aos seus innocentes leitores, como se explica ser a sua proscricção de Portugal determinada pela queda da legitimidade franceza e da legitimidade hespanhola?

Se a legitimidade da dynastia da carta está tão comprovada, porque se fazem pallidos os cartistas quando se lhe apresenta a ideia de que Henrique V ha-de ser Rei de França, de que Carlos VII ha-de imperar em Hespanha?

Mas, não nos affastemos do nosso ponto, n'este capitulo queremos unicamente contrapor ás auctoridades estrangeiras, que o sr. Thomaz Ribeiro foi chamar em defeza da legitimidade do sr. D. Pedro, algumas auctoridades estrangeiras em defeza da legitimidade do Senhor Dom Miguel.

Para mostrar ao sr. Thomaz Ribeiro qual era n'aquella epocha a opinião da familia real franceza e da aristocracia d'aquelle paiz a respeito da legitimidade portugueza, de uma carta escripta de Paris pelo marquez de Palmella ao marquez de Barbacena, transcreveremos as seguintes linhas:

«Encontro n'este paiz toda a gente disposta a nosso favor, menos a que habita as Tulherias e faubourg Saint Germain».

Mas quer mais votos estrangeiros a favor da legitimidade do Senhor Dom Miguel? Offerecemos-lhe os nomes do general conde de Bourmont e de muitos outros distinctos legitimistas francezes, que depois da revolução de julho vieram offerecer as suas espadas ao Senhor Dom Miguel.

E note o sr. Thomaz Ribeiro que estes não foram *engajados* (sua exc.^a não leva a mal o gallicismo) não vieram cá fazer fortuna, vieram, soldados da legitimidade, defender este principio em Portugal, onde o viam atacado pela revolução.

O sr. Thomaz Ribeiro talvez nos saiba dizer o que vinha fazer á Europa o visconde de Santo Amaro, quando a revolução de julho o fez sobreestiar no desempenho das ordens que trazia. E' uma simples curiosidade, e unicamente para responder áquelles que affirmam que, não receiando n'aquella epocha o sr. D. Pedro ser posto fóra do Brazil e conhecendo pelos factos os poucos elementos que a revolução podia dispôr em Portugal, se resolvesse a reconhecer os direitos de seu Augusto irmão.

Já se vê que, não possuindo nós documento, com que possamos provar isto, apenas o narramos como um boato. Deus perdoe ao marquez de Rezende que em um *auto de fé* entregou ás chammas as credenciaes de que era portador o visconde de Santo Amaro e com ellas muitos outros documentos importantes para a historia da epocha de que nos occupamos.

Mas ponhamos de parte o que não podemos provar, para fallarmos do que está provado ou prova.

Logo que chegou a Portugal a carta de alforria que o sr. D. Pedro dava a estes escravos brancos, que possuia cá no sul da Europa, e com este presente de valor inapreciavel a promessa de um outro, que não provava menos a generosidade do seu magnanimo coração, a promessa de que tambem nos mandaria sua

augusta filha, este povo de ingratos mostrou-se incommodado com o primeiro, e ansioso de dispensar o segundo. As manifestações contra o presente e contra a promessa não se fizeram esperar. Uma parte dos nossos fies soldados, preferindo a emigração a servirem um rei estrangeiro e a obedecerem a uma lei estrangeira, entraram em Hespanha; o modo como alli foram acolhidos, comparado com a recepção que dois annos depois tiveram os partidarios de D. Pedro, quando batidos pelo general Povoas fugiram para aquelle paiz, prova muito mais do que a carta que Fernando VII escreveu ao sr. D. Pedro.

Terminaremos este artigo indo consultar o voto das pessoas competentes.

Os soberanos legitimos, que estão pela revolução privados dos seus reinos, são de certo os juizes mais competentes n'esta questão. O seu proprio interesse os leva a fazer causa com os outros representantes da legitimidade; pois bem, consultemos os magnificos jornaes que a legitimidade tem em Hespanha, na França e em Napoles, e nenhum d'elles dirá que o sr. D. Pedro era, em 1826, o herdeiro legitimo do Sr. D. João VI.

Ainda ha pouco, dando noticia do privilegio de *exterritorialidade* concedido pelo imperador da Austria ao Senhor Dom Miguel, o «Univers» dizia que este Principe é filho de Dom Miguel primeiro, e a «Union» dizia que o privilegio tinha sido concedido a Dom Miguel segundo.

E note mais o sr. Thomaz Ribeiro, ambos os jornaes chamam ao Senhor Dom Miguel Duque de Bragança, o que é mais para notar porque nem Elle usa d'este titulo, e Seus Augustos Paes tambem nunca o usaram.

Entende o que isto quer dizer sr. conselheiro?

Mas toda esta argumentação para nós é desnecessaria; temol-a empregado apenas para acompanhar o sr. Thomaz Ribeiro nas suas divagações.

A legitimidade do Rei de Portugal não depende das opiniões dos estrangeiros, como não depende do chistoso direito publico constitucional do sr. Thomaz Ribeiro; a legitimidade do Rei de Portugal depende da lei fundamental da monarchia; consultem-se as côrtes de Lamego, Coimbra e Lisboa, e ellas responderão quem ficou sendo Rei legitimo de Portugal por morte do Sr. D. João VI.

Pensamentos philosophicos, religiosos e sociaes

XI

Muito se tem escripto sobre a origem dos governos, e muitos publicistas fallam d'um estado anterior á sociedade. E' uma hypothese extravagante, uma cousa imaginaria. Por mais investigações que se façam, não é possivel encontrar na historia do mundo com o momento da sociedade *constituindo-se*, mas sempre com a sociedade *constituída*.

As relações entre os diferentes membros da sociedade não se fizeram: appareceram já feitas. D'uma parte vemos um chefe para governar, e da outra membros para obedecer. E' o que nos mostra a historia.

E desde já podemos fazer a seguinte observação: O governo primitivo e natural foi incontestavelmente o monarchico; as republicas, as democracias e todas as outras qualidades de governos só appareceram pela destruição das monarchias. O primeiro foi obra da natureza; os ultimos

foram obra do artificio ou da usurpação.

—*Progresso* é uma especie de termo de sentido equivoco, ou pelo menos indetermido, com que os revolucionarios teem procurado justificar todas as mudanças por que querem fazer passar as nações; com elle pretendem explicar, se não justificar, e até santificar, todas as ideias as mais extravagantes ruinosas.

Intentam destruir a veneranda constituição pela qual os nossos avós tinham sido tão grandes e tão temidos no mundo, substituindo-lhe outra que só tem feito a miseria e a desgraça da nação.— Dizem que isto é *progresso*, e que assim o exige o espirito do seculo.

São inúteis, todos os esforços dos utopistas contra a ordem natural das cousas: ha um progresso real e verdadeiro, porque é o progresso da natureza.

Os que proclamam um progresso illimitado pretendem fazer andar a sociedade aos empurrões; porque querem que as nações sejam maduras sem que primeiro tenham sido adultas.

Os seus esforços serão sempre inúteis e ainda nocivos, collocando as instituições da nação em contradicção com as circumstancias.

N'este caso o unico progresso admissivel consiste em voltar ao estado d'onde se tinha sahido.

—N'este seculo, que é todo de philantropias e de philantropos, calcula-se a excellencia de qualquer governo pela quantidade de crimes que perdoou. Todo o principe, que fór severo e rigoroso na punição dos grandes malleitores, é considerado como despota e tyranno.

E' uma das muitas artimanhas da seita revolucionaria, uma rede fabricada para illaquear os soberanos. Não foi para isto que Deus os chamou ao throno; é para cumprir as leis, e não para as infringir.

O rei ou governo, que facilmente perdoa aos grandes facinorosos, é infiel ao seu mandato.

E tambem não se pôde fazer bom conceito de todos esses philantropos de profissão que, por puro espirito de humanidade, tanto se escandalisam de que sejam castigados os malleitores. Terão alguma ideia de se fazerem como elles?

—E' melhor deixar sem ser premiada uma acção digna de o ser, do que premiar sem razão sufficiente uma acção vulgar.

E' esta uma maxima de eterna verdade, mas por desgraça despresada completamente pelos governos.

—A historia de todas as epochas nos demonstra que as grandes revoluções foram sempre precedidas de mudanças mais ou menos essenciaes na religião, ou, pelo menos, que estas mudanças mais ou menos essenciaes na religião foram sempre seguidas de perturbações e de revoluções.

Não ha hoje uma unica pessoa que possa pôr em duvida que a revolução de 1820 foi fructo das ideias de libertinagem e de impiedade que começaram a apparecer depois da expulsão dos jesuitas, que tomaram força com a leitura de livros impios, e que chegaram ao seu auge com a invasão dos francezes.

A vista do estado de Portugal, outrora tão bizarro, e hoje tão miseravel, considerado por qualquer lado, só um mentecapto poderá chamar uma fortuna á revolução de 1820.

—Não se deve confundir a revolução franceza do seculo passado com as diferentes revoluções de que se occupa a historia. As revoluções não são senão perturbações passageiras; mas a revolução franceza é a grande lucta, multiple, tenaz, incessante, do mal contra o bem.

As revoluções só obram na superficialidade; a revolução ataca os princípios e o fundo mesmo das cousas. A revolução franceza distingue-se de tudo o que se tem visto, e talvez de tudo o que se verá.

—Ha um livrinho que toda a sociedade civilizada, se quer velar por si e viver, devia espalhar por todas as pessoas. Esse livro, desde as primeiras palavras, em curtas phrases, encerra mais luz que todas as obras de Platão e de Aristoteles.

Quem lê attentamente este livro e o acredita sabe em resumo tudo da vida, o segredo do presente e o segredo do porvir. Todo o cabio que ignora o que elle contém é um ignorante, e finalmente vae cahir no abysmo de todos os erros, absurdos e paradoxos.

Este livrinho é só proprio da Igreja Catholica, e que ella dá ás creancinhas, como a base da sua educação e instrução.

Que livro tão admiravel é este? Já o deveis ter adivinhado: é o catecismo.

—O Christianismo é a unica religião que tem provas; e tambem é a unica religião que tem philosophia. Quer isto dizer que os seus dogmas são a expressão genuina da verdade das cousas, taes como Deus as fez.

A razão, consultada com sinceridade e profundidade, falla sempre como a fé, e, juntando a sua luz á das instruções divinas, conduz não só o coração dos simples, mas o espirito do sabio a esse grande bem de intelligencia, a esse repouso da alma que se chama certeza.

—Ha nas lições da historia uma lição que não dá lugar a alguma duvida, e que deslumbra com a sua evidencia; é a seguinte: Uma nação está em decadencia, cabe em ruinas, desfaz-se em pó, quando as crenças religiosas diminuem e tendem a desaparecer.

Ainda que um povo seja barbaro, boçal, cruel, dissoluto mesmo, se n'esse povo ha templos e altares, se ha uma crença n'outros destinos que não sejam os que terminam na terra, e n'outras virtudes que não sejam as que tem por scopo adquirir a gloria, o bem-estar e os gozos materiaes, esse povo está em caminho de salvação, não pôde julgar-se extinto.

—A historia parlamentar em Portugal escreve-se muito depressa: ministerio novo, dissolução, eleição, fornada; e volta-se ao principio; é uma roda de nora que gira invariavelmente, tendo movimento mais ou menos accelerado. São porém elementos forçados a dissolução, a eleição, a fornada.

Assim o diz na «Palavra de 20 de agosto» o sr. conde de Samodães, que não é hospede n'esta materia.

—O governo liberal portuguez, desde a sua origem, tem sido hostil á Igreja, e até pede a verdade que se diga que tem sido o mais hostil de todos os governos liberaes da Europa. Com effeito elle tem praticado n'este ponto o que nenhum outro da mesma natureza tem ousado.

São prova clara d'isto a prohibição absoluta de profissões religiosas, a abolição completa das ordens religiosas, a vergonhosa expulsão das irmãs da caridade, a usurpação dos padroados particulares, os golpes incessantes ao direito de propriedade da Igreja, com desprezo evidente dos sagrados canones, a falta d'uma concordata que tranquillise as consciencias sobre a usurpação dos bens ecclesiasticos e de obras pias, etc.

Este estado de cousas tem continuado desde 1834 até hoje, e não vemos nenhum signal de emenda, nem a mais pequena esperanza podemos conceber a tal respeito.

—Pelo fructo é que se conhece a arvore, e para se apreciar o valor d'uma doutrina, é necessario considerar-lhe os effeitos constantes, bem mais do que as palavras de seus defensores officiosos ou mercenarios.

Se quizermos, pois, saber qual é a verdadeira tendencia do liberalismo, é necessario vê-lo com as mãos á obra nos diversos paizes onde tem estabelecido o seu dominio.

E que vemos nós? Vemol-o por toda a parte e sempre invadir o dominio religioso e hostilizar a Igreja.

Mas acerca d'isto ainda a theoria concorda com a pratica, pois vemos que as doutrinas liberaes combatem mais ou menos a Igreja e as suas mais uteis e santas instituições.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO ESTRANGEIRA

A noticia da morte do presidente da republica dos Estados-Unidos, Garfield, causou viva sensação em toda a parte.

Todos se interessavam pela saúde da infeliz victima, todos faziam votos porque aquella vida se conservasse.

Na doutrina revolucionaria, os fins santificam os meios, e porisso os jornaes republicanos choram lagrimas de crocodilo sobre o morto, sem terem uma palavra unica com que stigmatizem o vil assassino que disparou contra Garfield.

Gritam contra os reis que são para os revolucionarios uns despotas, querem um presidente da republica a quem possam de um para outro dia pôr no andar da rua, mas não contentes com isso mandam-nos assim mesmo, para outro mundo melhor.

Assim Garfield, teve a sorte de Moreno, de Lincoln e de outros.

Abriu-se o parlamento hespanhol.

O discurso da corôa foi tão laconico a respeito das questões pendentes com a França, que em nada satisfaz a curiosidade publica, principalmente a imprensa que continúa com sua linguagem um pouco bellicosa contra aquella nação.

Cada vez vão crescendo mais para o governo da republica os embarços, tanto na Argelia como no seio da propria França, crendo-se que reina desharmonia no seio do gabinete por causa de complicações com a Hespanha.

A insurreição da Argelia, vae sendo para a França um sorvedouro de homens e de dinheiro.

Cada dia noticia de novos combates, cada hora partida de novas tropas.

A criação de novas sociedades secretas, vae dando cuidado ao governo e a França principia a temer estes poderes misteriosos.

Se por esses mesmos poderes é que na Europa, foram depositos os monarchas, que não se precaveram ou por negligencia deixaram de precaver-se contra elles, é justo que vão sentindo o poder das armas que empregaram contra as soberanias legitimadas.

A republica é a ante-câmara dos ambiciosos que aspiram ás honras de pequenos reis, alguns dos quaes eram dignos de tutor por se não saberem governar a si.

As ultimas noticias de Tunis, para os jornaes francezes, dão o exercito em diversos movimentos para combater os insurgentes.

O general Sebatier, impôz á cidade de Zaghman, uma contribuição de guerra de 4000 bois e outros generos e dinheiro.

O general tomou 20 refens, dos quaes pôz 3 em liberdade, afim de levarem a noticia da requisição, e os demais irão sendo postos em liberdade á medida que os francezes forem recebendo os viveres.

A noticia mais importante relativamente á Argelia, é o desembarque em Volo de 2500 soldados turcos e 120 cavallos com destino a Trippoli.

Diz-se que o governador participará para Constantinopla, que o general tinha relações com os inimigos e principalmente com os francezes.

Esta accusação, diz um jornal francez, dará motivos aos conselheiros da Porta, e enviar mais tropas, attendendo que as tropas turcas estão n'aquella parte mal vestidas, mal sustentadas e seriam de fraco socorro, para a Sublime-Porta, caso a guerra se estendesse pelo territorio tripolitano.

Os jornaes francezes dizem que muitos deputados, entre elles M. Blanc, foram pedir a Julio Grévy, a convocação immediata das camaras.

GAZETILHA

Missa.—Publicamos um convite de alguns nossos amigos em que pedem aos legitimistas d'esta cidade a assistencia a uma missa que no dia 29 do corrente pelas 9 horas da manhã tem de celebrarse na capella do Hospital de S. Marcos, em honra de S. Miguel.

Celebra n'este dia a Igreja o Archanjo, cujo nome é o do Principe que representa as Tradições gloriosas de portugal.

E' tambem n'este dia o anniversario natalicio do Senhor Conde de Chambord, sendo portanto dia de gala em França e Portugal para os legitimistas.

Vamos, pois, ao templo dar graças ao Altissimo.

Festividade.—Teve ante-hontem lugar a festividade de Nossa Senhora das Necessidades e S. Lourenço, na antiga capella de S. Lourenço da Ordem, na freguezia de S. Jeronymo.

Houve sermão de manhã e de tarde. N'esse dia concorreu alli bastante gente da cidade e de tarde tocou alli a banda dos «Artistas Bracarense».

O sr. Lourenço da Cunha Sottor Mayor, franquiou a sua magnifica quinta n'aquella local ás pessoas que quizeram visital-a.

Protesto.—Durante esta semana estará patente em casa do sr. Manoel José Vieira da Rocha, rua do Souto, 41, um solemne protesto contra os sacrilegos attentados perpetrados em Roma, contra as venerandas reliquias do chorado Pio IX, para ser assignado pelos fieis.

Desordem.—Ante-hontem á noite houve grande balburdia na rua das Palho-las, entre alguns amantes de Baccho, havendo cabeças partidas e violas quebradas.

A policia frequenta muito pouco aquella rua, cujos habitantes em grande parte não são dos mais pacificos; mas d'esta vez compareceu a tempo de prender 4 dos desordeiros, dos quaes ficaram dois detidos no commissariado para averiguações.

Europa ou sujo?—O «Diario do Governo» publicou um aviso declarando limpos todos os portos do Brazil.

Era de esperar que depois d'este aviso os navios deixassem de fazer quarentena e que os passageiros dessem ingressos no Gibraltar, no Matta, no Alliança ou nos Dois Irmãos Unidos, onde por dez ou doze tostões diarios teriam mais creados e servir-lhe o almoço, suposto que menos a escovar-lhes a roupa.

Mas isso pôde lá ser em Portugal, n'um paiz que tanto trata da saúde publica, onde tudo são canos d'esgoto, tanto debaixo do pavimento da cidade de marmore e de granito, como na alta e na baixa (parlamentada) e nas pequenas e grandes repartições?

Ora adeus! O Lazareto é uma mina exploratoria para muita gente e uma prisão expiatoria para aquelles que tentam entrar n'este paiz dos primeiros bemaventurados.

Não estranhemos porisso que entrando no dia 21 o vapor allemão «Bahia», procedente do Rio de Janeiro e outros portos do Brazil, fossem 28 passageiros obrigados a entrar no Lazareto.

Os passageiros queixam-se, unanimemente de que n'aquelle estabelecimento ficam mais limpos de dinheiro do que de febre, e porisso muitos preferem desembarcar em qualquer ponto da Europa e virem a Portugal por terra.

Ou os portos do Brazil estão limpos ou não.

No primeiro caso não devem fazer mais quarentena os passageiros; no segundo não podem deixar de a fazer.

O que nos parece é que o aviso do «Diario do Governo» não é das coisas mais limpas d'este mundo, attenta a fonte d'onde partiu.

Jantar politico.—No dia 21, os amigos do sr. José Dias offereceram-lhe um magnifico jantar politico no Grande Hotel do Bom Jesus.

Pela relação que o «Constituinte» dá dos convidados, parece que o sr. José Dias é o chefe dos theocratas em Portugal.

Exposição d'aves.—Temos este anno exposição de aves no Palacio de Christal nos dias 8, 9, 10 e 11 de dezembro proximo entrando n'este certamen as canoras, galinaceas e até pombos corteios. Vae-se desenvolvendo o gosto pela criação de aves domesticas, o que é de grande utilidade e recreio.

Furto.—Um creado do sr. Alfredo Campos aproveitando a occasião d'este sr. estar fóra de casa, em um dos dias da semana passada, apanhou-lhe um casaco, um chaile-manta e umas colheres de prata, algum dinheiro, etc., dando ás de Villa Diogo, depois d'aquella facanha.

Miscellanea noticiosa.—Quasi toda a imprensa ingleza manifesta o seu prazer pelas negociações com as de mais potencias, relativamente ao tratado de commercio pela livre troca de productos.

Podera!
Do Porto e Madeira leva ella o bom vinho e manda-nos em troca bacalhau podre.

Ainda assim ficamos indemnizados porque pela cortiça manda-nos as rolhas.

Constituições é que apenas nos mandou uma por chalaça.

Mas foi uma vez um homem.
—Depois da extincção dos frades os

liberaes aproveitaram alguns templos, até para cavalhariças.

Quando n'ellas entravam os locatarios afastava-se o obscurantismo para dar passagem ao progresso; mas se a cerca do convento de Jesus lhe serviu de pasto, vae hoje ter nova applicação.

O lyceu nacional de Lisboa vae edificar-se n'aquella local.

Ainda bem.
—Diz o «Diario da Manhã» que se dá como certa a saída do sr. Lopo Vaz do ministerio, assim como a do sr. Barros e Sá.

Diz que n'esta politica de alcapões tudo é possível.

Quer o collega dizer que vae o diabo para baixo e sobe a mãe para cima, não é isso?

—Fallemos agora sério, que os nossos leitores não estão para palhada, apesar de haver dito o marquez de Pombal que todos comem palha, sabendo-lh'a deitar. O pobre marquez até depois de morto vae comer monumentos, sem que talvez nunca se lembrasse de tal. No Rio de Janeiro querem que elle engula um de cavallaria alta.

—A «Revolução de Setembro» quebra lanças em defeza da arma de cavallaria.

Diz que não se tem feito estudos sérios sobre remonta, que não ha estabelecimentos hypicos, nem pôtros para recria afim de serem distribuidos aos regimentos de cavallaria; que não temos armas, nem cavallos, nem cavalleiros.

O articulista parece que não foi ainda ao parlamento.

Agora vamos a vapor:

—Rei morto, rei posto.

Foi nomeado presidente dos Estados unidos o sr. Arthur.

—Houve um choque entre dois comboios em Alicante (Hespanha), ficando uma pessoa morta e 43 feridas.

—O rei Kalakana já largou de Liverpool para os seus estados, de muito boa saúde.

—Em Elvas cahiu ha dias um violento cyclone, sentindo-se um forte abalo de terra.

—Está querrellado o manifesto que o sr. Theofilo Braga dirigiu aos eleitores. Perden o tempo e o feitio.

—Esteve exposto na feira de Belem um gigante de desmesurada grandeza.

Ao retirar-se um d'estes dias, como não houvesse coupé em que cubesse, escondeu-se em uma carroça, coberto com um tolde, para não dar espectáculo gratuito.

Ao passar na barreira os guardas fizeram parar a carroça.

Então levantou-se aquelle contrabando enorme, e Lisboa teve eclipse total enquanto o gigante se não agachou.

Julgava-se ter caído o ministerio e que o céu se cobria de luto.

Aqui, no Bom Jesus, dizem uns pangedos ao sr. José Dias Ferreira: Porque não vae v. exc.^a livrar-nos de um cataclysmo?

CONVITE

Na proxima quinta feira, 29, pelas 9 horas da manhã, haverá uma missa rezada na igreja de S. João Marcos, por ser o dia do Archanjo, cujo nome o é tambem d'aquella cujo anniversario natalicio se festejou em 19 do corrente, e por coincidir n'esse dia o anniversario natalicio do legitimo monarcha da França.

A Commissão que manda resar esta missa—a mesma que promoveu as festividades manifestações do dia 19, convida todas as pessoas em quem inspiram os sentimentos religiosos e patrioticos, a assistirem a este augustissimo Sacrificio, afim de que Deus derrame o influxo das suas bençãos sobre estas duas nações.

Braga, 26 de setembro de 1881.

Manoel José Vieira da Rocha
Joaquim José Vieira da Rocha
Candido Augusto Martins Pinheiro
João Ferreira Torres
José Antonio Alves
Joaquim Leal
Domingos José de Souza Aguiar.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Biblia Popular Illustrada—Temos presente a 1.^a e 2.^a cadernetas d'es-

ta importante publicação, relativas á segunda parte.

Está concluído o primeiro volume da *Bíblia Popular Illustrada* do Abade Drioux; comprehende todo o Velho Testamento, e vaee entrar no prélo o segundo volume.

A *Bíblia Popular Illustrada*, obra notavel a todos os respeitos, tem tido immensa acceitação no nosso paiz. A imprensa tem-lhe dispensado uma protecção altamente lisonjeira para a Empreza Editora. O grande numero de assignantes que desde o começo da sua publicação a teem auxiliado, é uma prova de benevolencia acolhimento com que esta obra foi recebida do publico portuguez.

O primeiro volume acha-se concluído, e muitas pessoas que primitivamente não assignaram, teem sollicitado da Empreza a sua aquisição. Esta delicada manifestação da sympathia publica decidiu a Empreza a mostrar-se reconhecida á protecção com que o publico tem coadjuvado o seu arduo empreendimento.

Para facilitar pois a compra d'uma tão importante obra, a Empreza resolveu suavizar o modo de pagamento abrindo para tal fim uma nova assignatura da *Bíblia Popular Illustrada*.

O preço de cada caderneta é de 60 réis, pagos no acto da entrega.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Empreza d'Obras Populares Illustradas*, largo de S. Domingos, 30—1.º andar, Porto.

O Mez de S. Francisco — Manual de exercicios de devoção para o Mez de outubro, por Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar conde de Samodães, par do reino, ministro e secretario de estado honorario, etc., etc.

Está no prélo e será publicado até 20 do corrente mez este livro, que não terá meos de 300 paginas, offerecido por seu auctor ás Ordens Terceiras de Portugal.

Ha muito que está introduzida a devoção do mez de Maio, consagrado á Virgem Santissima; e tambem a dos exercicios do mez de Junho, consagrado ao Santissimo Coração de Jesus.

O mez d'outubro é tambem destinado á meditação nas excelsas virtudes de S. Francisco d'Assis, o grande Apostolo da pobreza.

Incumbiu-se de organizar um Manual para este fim o ex.º sr. Conde de Samodães, que o preparou segundo o que se acha adoptado para o mez de Maria.

Dividido em 31 capitulos por serem outros tantos os dias do mez d'outubro, o Manual tem orações communs para todos elles, tres pontos de meditação, dois exemplos e orações proprias para cada um dos dias.

Nas meditações celebram-se as heroicas virtudes do Santo e se consideram assumptos importantissimos da moral. Nos exemplos dão-se noticias interessantes e edificativas sobre as Ordens regulares e seculares de S. Francisco, de um e outro sexo, no nosso paiz.

Este livro é de uma grande utilidade para as pessoas piedosas, e especialmente para aquellas que pertencem ás Ordens Terceiras, procurando o auctor levantar o espirito religioso nos agregados a ellas, que parecem esquecidos de que pertencem em verdade a uma Ordem com uma regra determinada.

Este Manual obteve a approvação de S. Em.º o Sr. Cardeal-Bispo d'esta diocese, que procedeu previamente a exame rigoroso sobre o mesmo.

Custará apenas 300 réis cada exemplar por assignatura, porque não foi composto nem publicado com a mira no interesse, e apenas com o fim de excitar a piedade dos Irmãos das Ordens Terceiras e das pessoas crentes.

Recebem-se desde já assignaturas e encomendas na rua do Almada n.º 335, na redacção da *Palavra*, podendo procurar-se os volumes de desde o dia 21 do corrente mez de Setembro.

As pessoas, que se dispuserem a fazer os exercicios no proximo mez de outubro, deverão munir-se do Manual antes do seu principio, para não omitirem dia algum.

Jesus Christo — (Por Luiz Veuilot) — Seria pouco tudo que poderíamos dizer d'esta esplendida e luxuosa publicação com excellentes photogravuras e chromolithographias. Recebemos o 3.º fasciculo. Assigna-se na Empreza Editora do sr. David Corazzi — Lisboa.

Nova Selecta Franceza — Recebemos este livro publicado pelo sr. Jacob Bensabat, professor da cadeira de inglez no lyceu central d. Porto. Contem lectu-

ras norales et morceaux choisis des classiques françaises.

O auctor, que já publicou um magnifico dictionario da lingua ingleza e outras obras no mesmo idioma, acaba de prestar mais este serviço á litteratura.

Maravilhas da Creação — Recebemos o fasciculo 93 d'esta illustrada publicação contendo a historia e descripção dos animaes.

Assigna-se na Empreza Editora da Biblioteca das Maravilhas—Arco da Bandeira, 30, 1.º, Lisboa.

Historia das Perseguições Politicas e Religiosas — Recebemos o fasciculo n.º 11 d'esta publicação de que é editor o sr. Francisco Arthur da Silva—Rua dos Douradores, 72, Lisboa.

Boletim-Revista da Juventude-Catholica de Valença — Com este titulo principiou a publicar-se esta excellente revista religiosa. Recebemos o n.º 4.

La Civilizacion — Publicou o 5.º caderno CLIX da collecção. Contem excellentes artigos.

Portugal Antigo e Moderno — Está publicado o 160.º fasciculo d'este importante Dictionario Geographico, Historico, etc., de que é auctor o incansavel escriptor o sr. Pinho Leal.

Está quasi a concluir a publicação.
Os Misterios d'Amor — Recebemos o fasciculo n.º 22 d'este romance que é editor o sr. David Corazzi, rua da Atalaia, Lisboa.

Jornal d'Agricultura — Recebemos os numeros 4 e 5 do 2.º volume d'este jornal de grande utilidade contendo diversos artigos sobre a agricultura.

Dictionario Popular — Recebemos os fasciculos 244 e 245. Assigna-se no Escriptorio e Imprensa do actual editor o sr. Joaquim Germano de Souza Neves, rua da Atalaia 65, 67, Lisboa.

Theologia Moral — (De Pedro Scavini) — Recebemos o caderno n.º 24. Assigna-se na Livraria Academica de José Maria de Almeida, Vizeu.

Historia de Portugal Illustrada — Recebemos o fasciculo 13.º. Assigna-se na rua Nova do Almada, 36, Lisboa.

Revista da Sociedade de Instrucção do Porto — Recebemos o n.º 9 correspondente ao mez de setembro.

O Futuro de Portugal — Recebemos mais este escripto do talentoso escriptor portuense o sr. José Barbosa Leão.

Bibliotheca do Povo e das Escolas — Recebemos o n.º 14 d'esta barattissima publicação do sr. David Corazzi. E' um compendio d'Algebre muito claro.

Todos os volumes da collecção constam de 64 paginas e o seu custo é de 30 réis cada um.

Açafate de Costura — Recebemos o n.º 20, contendo diversos riscos para crochets e bordados, letras etc.

A' CARIDADE PUBLICA

Recommendamos á caridade publica Maria da Conceição (a Coruja), moradora na rua Direita n.º 50, freguezia de S. Pedro de Maximinos, a qual se acha affectada de molestia incuravel, e com uma creança que soffre a mesma molestia.

Imploramos dos sentimentos caridosos dos nossos leitores uma esmola para Luiza Maria de Faria, entrevada, que vive em grande necessidade na rua dos Sapateiros n.º 19 (sotão).

Maria Ignacia, entrevada, de avançada idade, pobrissima, rua do Poço, n.º 6.

ULTIMAS NOTICIAS

Washington, 23 — Em consequencia dos symptomas de decomposição que manifesta o cadaver do presidente Garfield resolveuse que o funeral se effectue hoje em vez de ser na segunda-feira.

O novo presidente da Republica o sr. Arthur prestou hontem juramento. N'essa occasião fez grande elogio ao finado Garfield. Manifestou o desejo de que o ministerio conservasse as pastas.

Londres, 24 — O «Times» publica um despacho de Dublin, o qual parece fazer presagiar a renovação das desordens na Irlanda, onde está preparada uma grande agitação.

Reclamo n.º 2

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saude,

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

32 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsia), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue; 90:000 curas, entre as quaes contam-se a do duque Pluskow, da ex.ª sr.ª marquiza de Brehan, lord Stuart de Dicies, par d'Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o doutor Beneke, etc., etc.

Cura n.º 65:311

Vervant, 28 de março de 1866.

Senhor. — Bemdito seja Deus! A sua *Revalesciere* salvou-me a vida. O meu temperamento, naturalmente fraco, estava arruinado em consequencia de uma horrivel dispepsia que durava ha oito annos, tratado sem resultado algum favoravel pelos medicos, que declaravam que alguns mezes de vida me restariam, quando a a eminente virtude da sua *Revalesciere* me restituiu a saude.

A. BRUNELIERE, cura.

Cura n.º 78:364

Mr. e m.ª Leger, de doenca do figado, diarrhéa, tumor e vomitos de 16 annos.

Cura n.º 68:471

Mr. Pierre Castelli, abade, de prostração completa na idade de 85 annos; a *Revalesciere* remocou-o. «Prégo, confesso, visito os doentes, dou grandes passeios a pé, e sinto o espirito lucido e a memoria fresca».

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. — Preços fixos da venda em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 réis; de 1/2 kilo 800 réis; de um kilo, 13400 réis; de 2 1/2 kilos, 33200 réis; de 6 kilos, 63400; de 12 kilos, 128000 réis.

DU BARRY & C.ª LIMITED — 77, Regent Street W., Londres, 8 Rue Castiglione, Paris.

DEPOSITOS. — Lisboa: Serzedello & C.ª, largo do Corpo Santo, 16; Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31 e 32; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12 — Porto: John Cassel & C.ª; J. de Sousa Ferreira, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS N'ESTA PROVINCIA:

Braga: Antonio Alexandre Pereira Maia, pharmaceutico, rua dos Chãos, 31; Pipa & Irmão, rua do Souto; Domingos José Vieira Machado, droguista, praça Municipal 17. — **Barcellos:** Antonio João de Sousa Ramos, pharmaceutico, largo da Ponte. — **Vianza do Castello:** Affonso, droguista, rua da Picota; J. A. de Barros, droguaria, rua Grande, 140. — **Guimarães:** A. J. Pereira Martins, pharmaceutico; Antonio d'Araujo Carvalho, mercearia, campo da Feira, 1; José Joaquim da Silva, droguista, rua da Rainha, 29 e 33. — **Ponte de Lima:** A. J. Rodrigues Barbosa, pharmaceutico. — **Valença do Minho:** Francisco José de Sousa, pharmaceutico.

ANNUNCIOS

ALVIÇARAS

Quem achasse um leque de madreperola que se perdeu desde o Campo de Sant'Anna até ao Bom Jesus no dia 25 do corrente, o poderá entregar em casa dos Pinheiros, que receberá alviçaras. (1048)

COMMODOS

Para uma ou duas pessoas, rua Nova de Souza, 15. (1015)

OURO E PRATA

Fabrica-se e concerta-se por preços modicos e com a maxima promptidão, na rua Nova n.º 15, pouco abaixo do Banco Mercantil. (886)

Cascos vasilos

Quem pretender comprar cascos vasilos, falle no Hotel da Vista Alegre, nas Carvalheiras. (1047)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Guaidim d'esta cidade.

Acaba de receber um sortido de relogios novos de prata e ouro, e tambem tem usados que vende garantidos e por preços baratos.

Vende roupas de toda a qualidade e mais objectos, assim como compra toda a qualidade de moveis, ouro e prata.

Continúa a emprestar dinheiro sobre penhor, e sendo de cincoenta mil reis para cima, faz grande abatimento de juro.

Pede-se a todas as pessoas que devem juros atrazados mais de tres mezes, os mandem pagar, porque não o fazendo serão vendidos os seus penhores.



Francisco Mesquita & C.ª, annunciam ao publico que as carreiras que tem d'esta cidade para a Senhora do Porto, e vice-versa a sair ás 5 horas da manhã, e 2 e 3 da tarde, ficam sahindo desde o dia 23 do corrente ás 5 e meia da manhã e 1 e 2 da tarde.

Braga, 29 de setembro de 1831.

O gerente

(1046) Clemente Dias Pereira.

CASA

Aluga-se com mobilia ou sem ella o 1.º andar da casa n.º 12, na rua do Poço, tem bastantes commodos, boas lojas e cavallariça. Trata-se na mesma. (1044)

CONSERVAÇÃO DO VINHO VERDE

Na rua de S. João, n.º 9, vende-se aguardente de vinho verde, para conservar o mesmo vinho.

Garante-se que nenhum vinho ferverá, levando uma e meia canada d'esta aguardente, cada pipa. (1041)

BAGA DO DOURO

Campo de D. Luiz I, n.º 44. (1031)

Alugam-se por longo praso ou vendem-se as casas n.ºs 12 e 13 do largo dos Remedios. Para tratar com seu dono Antonio Luiz Rodrigues, pintor. Podem-se ver das 9 ás 4. (986)

LECCIONISTA

Offerece-se um para particulares d'ambos os sexos. Principia em outubro. A informar n'esta redacção.

Venda de quinta

Vende-se a importante quinta denominada da Gója, situada no lugar assim chamado, freguezia de Frossos, a facear com a estrada publica; compõe-se de varias casas, e de excellentes terras cultivadas, tudo junto, e que rende actualmente 20 carros de cereaes, e vinho de 15 a 20 pipas.

Esta quinta acha-se livre de todos os encargos respeitantes aos herdeiros de Francisco Duarte, pois tudo se acha na caixa geral dos depositos, por ordem do juizo. Quem a pretender póde fallar ao seu proprietario Francisco José Vieira da Silva Carvalho—rua do Souto, 55. (972)

TELHA FRANCEZA

Recommenda-se pela sua boa qualidade e rapidez na collocação.

Ha meias telhas, cumes, frontões completos para chalets, ornatos, ventiladores, etc.

E' preferivel á lousa, porque não aquece e tem sempre o mesmo valor.

Deposito—81, rua de Bellomonte—Porto. (893)

